

SANTA INÊS

Um território de luta, militância e arte.



Daiana Ferreira

daianavarrevila@gmail.com

Formada em Serviço Social, fomentadora de ações socioculturais e de empoderamento feminino na periferia de São Paulo. Trabalhou como educadora ambiental no Projeto Varre Vila, coordenou grupo de estudo racial e político para mulheres, coordenou grupo de inglês para mulheres negras e um projeto de valorização de catadores. Integra o Coletivo Frente Democrática Ermelino Matarazzo. Idealizadora do projeto Nasce Mulher, para fortalecer as mulheres do bairro. Atua como articuladora do Sarau da Tripa, na comunidade Santa Inês e Fundação Casa do Belém. Atualmente trabalha como assistente social no Programa Reviravolta no Instituto Gaspar Garcia de Direitos Humanos.

SANTA INÊS – UM TERRITÓRIO DE LUTA, MILITÂNCIA E ARTE**SAINT INÊS – A TERRITORY OF STRUGGLE, MILITANCE AND ART****SMO INÊS - UN TERRITORIO DE LUCHA, MILITANCIA Y ARTE**

Ler Patrícia Hill Collins me fez enxergar a importância de tirar proveito do lugar de marginalidade que nos foi imposto. Isso é fundamental para entender que o “não lugar” de uma mulher negra pode ser doloroso, mas também potente, pois permite enxergar a sociedade de um lugar social que faz com que tenhamos ou construamos ferramentas importantes de transcendência. Talvez aí eu tenha percebido a estratégia de ver a força da falta como mola propulsora de construção de pontes. (Djamila Ribeiro, 2018. p.23.)

Início com essa citação da filósofa Djamila Ribeiro, pois ela me faz entender o que me trouxe até aqui, o que me motivou e o que me encorajou a nunca desistir. Para relatar as ações desenvolvidas em minha comunidade, quero antes dizer como me aproximei da cultura e dos movimentos sociais dos quais hoje faço parte e me dão vida.

Cheguei à Vila Santa Inês, periferia da Zona Leste de São Paulo, no início da década de 90, ainda uma menina de seis anos de idade. Eu mal sabia o que me levou a morar naquele local e o que me era negado por morar num lugar tão precário: sem asfalto, sem saneamento básico, sem espaços culturais e sem tantas outras coisas que nem me dava conta.

Com o tempo, chegaram o asfalto, o encanamento de esgoto, a energia elétrica e algumas outras coisas. Parecia muito, no entanto, não era. Eu fui crescendo e percebendo que faltava algo. Por dentro, me inquietava saber que algumas pessoas tinham tanto e outras tinham tão pouco.

Na adolescência, aquilo que me inquietava me aproximou do grupo de jovens de uma igreja do bairro. Esse grupo atuava em trabalhos sociais para ajudar pessoas em extrema pobreza, doentes e encarceradas. Na periferia é assim: a ausência constante do Estado faz com que grupos religiosos assumam essa demanda.

A aproximação com o grupo da igreja de alguma maneira foi boa para mim. Essa vivência me “guardou” dos perigos de crescer na favela. Além disso, me fez acreditar em mudanças. Na verdade, não sei se essa motivação de lutar por uma sociedade mais humana foi fruto daquela experiência na igreja ou se era algo que já trazia em mim. Sei que essa trajetória me ajudou a acreditar na luta por um mundo melhor para todos.

O tempo passou, me tornei uma mulher e nunca desisti dos meus ideais. Aos vinte sete anos, ingressei na universidade, indo na contramão das mulheres da minha família, quase sempre trabalhadoras doméstica. Eu era a primeira a ter um curso superior, graduada em Serviço Social.

O meu primeiro emprego, após concluir a faculdade, foi no Projeto Varre Vila. Ele me possibilitou ter contato com diversos coletivos e ir conhecendo um pouco mais sobre o engajamento deles na luta pelo acesso à arte e à cultura. Passei a contribuir com esses coletivos e comecei a me aproximar das ações que hoje desenvolvo.

Um marco para mim foi um evento que organizamos na Vila Santa Inês com o coletivo de dança Zumb Boys. Nesse evento com o Zumb Boys, os dançarinos iam descendo as ruas, fazendo suas apresentações. Num determinado momento, eu e amigos ouvimos dois jovens, de aproximadamente dezessete anos, conversando. Um perguntou: “Oh isso aí que é arte né?”. O outro, bravo, disse: “Não mano, isso aí é dança.”

Nós nos olhamos, respiramos fundo e os olhos marejaram. Você pode se perguntar o que tem de grande nisso, mas para nós aquilo falava muito. Logo pensamos o que poderíamos fazer para mudar aquela realidade. Como poderíamos levar manifestações de arte para a comunidade? Sabemos que o acesso à cultura e à arte é um direito constitucional, conforme o artigo 215 da Constituição Federal de 1988, mas nem sempre é cumprido.

Conforme disse a fotógrafa Angélica Dass: “a arte é exclusiva”. Entendo quando ela afirma isso, o que me leva a outra pergunta: será que isso não é uma construção social? No meu entendimento, sim. Isso está relacionado com o perfil das pessoas que compõem as periferias do nosso país: pobres e na sua maioria pretas.

A desigualdade cultural é gritante, e isso também é uma forma de nos matar. De acordo com o filósofo camaronês Achille Mbembe: “A política é, portanto, a morte que vive uma vida humana” (p.12). Mbembe nos traz a reflexão de como os governantes têm o poder de nos matar pois, negar o acesso à cultura é uma maneira de nos matar. Ele ainda reforça nos dizendo que “racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder” (p.18). Ao entender isso, passei a me reunir com amigos de diversas áreas profissionais e juntos passamos a buscar estratégias para minimizar os impactos causados pelo abandono do poder público em nossa comunidade, na vila Santa Inês.

Coletivos em Ação

Nas próximas linhas desse texto, apresentarei alguns trabalhos realizados na Vila Santa Inês e em Ermelino Matarazzo. Começarei por dois eventos realizados em 2016: a revitalização de um espaço de lazer e a Expo Grafite, envolvendo o Projeto Varre Vila, em parceria com o coletivo Ateliê Abayomi e a Arte Cultura Na Kebrada.

Uma das primeiras ações comunitária da qual participei foi para revitalizar o espaço de esporte e lazer que há na Vila Santa Inês. Um equipamento de lazer que após a construção não teve nenhum tipo de manutenção ou zeladoria por parte da prefeitura. Com o tempo, o local foi se desgastando: o mato foi crescendo, os brinquedos foram quebrados e o espaço ficou abandonado, sendo usado somente para venda e consumo de drogas. Convidamos os moradores e eles somaram. A pintura foi realizada, o mato foi roçado, novas árvores plantadas e os brinquedos quebrados substituídos por novos.

Depois da intervenção, esse espaço passou a ser usado com maior frequência pela comunidade. Quando passamos por ele, há sempre alguém utilizando as quadras. A Unidade Básica de Saúde passou a realizar atividades com os idosos. Os moradores começaram a fazer rodas de samba, fluxo de funk e até culto religioso naquele local antes abandonado.

Ainda em 2016, organizamos a primeira Expo Grafite. O destaque foi uma intervenção com quase cem grafiteiros, que espalharam suas artes pelos muros das casas, com a autorização dos moradores. Os muros iam ganhando vida, ao mesmo tempo em que diversos shows e apresentações ocorriam. O evento contou com vários artistas convidados em diferentes gêneros musicais: samba, rap, funk, forró. E para as crianças: brinquedos infláveis, doces e uma peça de teatro infantil.



Foto aérea da vila de Santa Inês: Márcio Greyk

O Sarau da TRIPA surge de uma inquietação não só minha como também de alguns amigos. Diante da falta de ações culturais na Vila Santa Inês, nasceram diversos coletivos. Porém, esses coletivos se lançaram ao mundo. Para buscar algo diferente, pensamos na construção de uma intervenção que ficasse ali, que permanecesse no território, que fosse pensada para e com os moradores. Assim, após algumas reuniões, no dia 30 de setembro de 2018, foi realizada a primeira edição do Sarau da Tripa.

Cada detalhe foi pensado com a cara da nossa comunidade. Foram convidados poetas, dançarinos, amigos e familiares. Uma linda festa foi preparada. Só não contávamos com a chuva, sim exatamente, a chuva veio e veio com tudo. Mas está pensando que isso nos desmotivou? Que nada! Brincamos na chuva mesmo. Seguimos com o nosso sarau e saímos de lá ainda mais motivados, já pensando no segundo encontro.

O sarau passou a ser realizado mensalmente, quase sempre naquele espaço que revitalizamos com a comunidade. A cada mês, recebíamos novos poetas, dançarinos, cantores e artistas de diversos seguimentos. Ainda tive a honra de ter ao meu lado o meu irmão, que sempre escreveu, mas nunca havia recitado em público. Ele é para mim uma grande referência. No Sarau da Tripa, ele se tornou figurinha carimbada, esse foi o meu melhor presente.

Vale ressaltar que nesse percurso também existiram os momentos difíceis. Várias coisas para organizar, mas sem nenhuma verba. Contávamos com os amigos e os parceiros. Assim, os moradores emprestavam a energia, o Varre Vila emprestava a tenda. A Ocupação Matheus Santos, o Sarau Urutu e o Zumb Boys emprestavam os equipamentos de som... Sem deixar de mencionar a nossa Tia Cris, que sempre somava com a entrega de algodão doce. Nesse clima, a gente ia se fortalecendo.

Porém, já existiram dias de faltar o principal: o artista convidado. Nesses momentos, usávamos a nossa criatividade. Certa vez, nenhum artista conseguiu comparecer. Fomos correndo para o Coletivo Brincando na Kebrada. O que fizemos? Pegamos folhas de sulfite, guache, giz de cera e livros infantis. Nesse dia, pulamos amarelinha, corda, brincamos de pega-pega, fizemos exposição de desenhos, leitura e realizamos uma contação de histórias. Saímos de lá com a certeza de que estávamos no caminho certo, como já disse o cantor Emicida “*Tudo que nós tem é nós*”.

Com o Sarau da Tripa, tive a oportunidade de realizar algumas ações na Fundação Casa do Belenzinho, levando arte e poesia aos meninos muitas vezes marginalizados. Nesse trabalho, fez total sentido para mim o provérbio africano que diz “gente simples, fazendo coisas pequenas, em lugares pouco importantes, conseguem mudanças extraordinárias”.

Eu me recordo de um momento desconcertante vivenciado naquele espaço. Um dos meninos me perguntou se já iríamos embora. Ele queria que vissemos sua apresentação. Foi quando se aproximou outro jovem que queria recitar uma poesia, mas mal sabia ler. Então, uma das orientadoras sociais foi lendo para ele baixinho e ele repetia em voz alta para nós. Isso me deixou bem emocionada e só me recordava daquela música do Zeca Pagodinho: “tanta gente de bem, que só tem mal pra dá”. No caso, mal produzido socialmente.

Os projetos na comunidade da Vila Santa Inês continuavam. Em 2018, teve início um projeto que me enche de orgulho: o curso de inglês para mulheres negras, que começou de uma maneira inesperada e ganhou uma grande proporção.

Eu havia começado a fazer um curso de inglês lá no Butantã. Era uma viagem me deslocar da Zona Leste para a Zona Oeste. Comecei a desanimar e faltei umas três semanas. Quando retornei decidida a desistir, a professora Sara Morato me fez a proposta de montarmos um grupo na minha comunidade. Gostei da ideia e comecei a falar com algumas amigas. Conseguimos 23 alunas e um espaço para as aulas. Assim nasceu o grupo de inglês para mulheres negras na Vila Santa Inês.

O que mais me encantava nesse grupo era a pluralidade de mulheres, tínhamos desde professoras, enfermeiras até garis e donas de casa. Lembro-me que a Sara sempre ressaltava a importância dessa diversidade para ela, pois a desafiava a desenvolver metodologias que contemplassem a todas. O curso durou um ano, pois a Sara passou na Universidade Federal de Pernambuco e precisou se mudar para lá. Algumas continuaram de maneira online, mas muitas acabaram parando o curso. Mesmo durando pouco tempo, esse projeto me enche de alegria e satisfação. Podemos observar que temos o desejo de estudar, o que nos falta é a oportunidade e acesso ao ensino.

Frente Democrática de Ermelino Matarazzo: um coletivo construído por diversas mãos

Quero aproveitar este espaço para relatar também a minha atuação com a Frente Democrática de Ermelino Matarazzo. Organizada desde o final de 2018, a Frente Democrática de Ermelino Matarazzo tem levado discussões quase sempre trabalhadas somente nas universidades para dentro das favelas.

Para isso, são convidados intelectuais, professores, ativistas e moradores locais para discutirmos diversos assuntos nas quebradas. Como por exemplo, “O aumento da violência contra a mulher em período de crise democrática e a ausência de políticas públicas”, com a presença da deputada estadual Érica Malunginho e de Amelinha Teles, presa política durante a ditadura militar. Também ocorreu um debate sobre “O direito à educação pública, gratuita e de qualidade: da creche à universidade”, contamos com a presença do professor de filosofia da UNIFESP Edson Teles.

Há dificuldades em levar os moradores a participarem desses encontros. Talvez pelo fato de muitas pessoas da comunidade não se sentirem à vontade, por acreditarem ser coisa de “gente estudada”. Em alguns casos, até mesmo não acharem importante discutir tais temáticas, por não poderem contribuir ou acreditarem ser uma perda de tempo.

É possível entender o ponto de vista desses moradores. Não desistimos, continuamos insistindo e levando cada vez mais convidados e temas pertinentes para dentro das comunidades. Acreditamos ser de extrema valia para todos, inclusive para os professores que têm a oportunidade de saírem dos espaços acadêmicos e irem para a realidade fora da bolha universitária.

A Frente Democrática de Ermelino Matarazzo também organizou um grupo de estudos sobre o pensamento da militante e filósofa americana Angela Davis, refletindo sobre as questões de gênero, raça e classe. O grupo foi batizado como GEAD (Grupo de Estudos Angela Davis).

No ano de 2020, por conta da pandemia COVID 19 (coronavírus), a Frente Democrática de Ermelino Matarazzo precisou cessar os encontros presenciais. Diante disso, foram realizadas algumas atividades online. A Frente realizou diversas campanhas de conscientização sobre a importância do uso de máscaras e álcool em gel. Foi feita também uma ação solidária com a comunidade para a arrecadação e entrega de cestas básicas para as famílias carentes.

Um sonho, sonhado junto

Desenvolvo todos esses trabalhos e ainda apoio grupos que realizam projetos na minha comunidade na esperança de dias melhores para os meus: no sonho de que todos tenham acesso a tudo que é nosso por direito.

Ah! Vale lembrar que nada faço sozinha, tudo é construído e desenvolvido coletivamente, pois como nos ensina a filosofia UBUNTU: “**Sou, porque somos**”.

Por fim, como aponta um provérbio africano: “*Se queres ir rápido vá sozinho, mas se queres ir longe vá acompanhado*”.

REFERÊNCIAS

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro? São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

.

COMO CITAR ESTE TEXTO

Ferreira, D. (2021). Santa Inês: um território de luta, militância e arte. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, v. 07, n. 02, 123-136.

RECEBIDO EM: 28/06/2021
APROVADO EM: 23/10/2021